SC 1057011 7

212

DISCURSO

DO

SR. DEPUTADO POR LISBOA

J. — B. de Almeida Garrett,

NA

DISCUSSÃO DA LEI DA DECIMA.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DE J. B. DE A. E GOUVEIA

Travessa d'Agua de flôr N.º 19.

1841.

INTRODUCÇÃO.

Não resproduzo assim este discurso por triste vaidade de orador, nem pelo appetite — agora baixo e pequeno — de prolongar o castigo de outras vaidades fatuas e grosseiras, que de certo o mereceram quando foi dado, mas que ja me não lembram siquer.

Sou obrigado a fazê-lo porque, do apaixonado juizo dos offendidos, que no processo e na sentença me calumniaram, appellei para a opinião; devo instruí-la sinceramente, e só o posso fazer, publicando a integra do meu discurso.

Deixei estampar no Diario da Camara, sem correcção alguma, as notas dos tachygraphos taes quaes as tomaram; e agora com ellas, e com os appontamentos que para o discurso fizera, vou restituí-lo: quantos assistiram á sessão de 15 de Julho hãode testimunhar que vai fiel e completamente restituido.

E porque sinceramente quero instruir, como disse, a minha appellação, não diminuo na vehemencia do stylo, nem siquer no amargor dos sarcasmos (o que aliàs desejára), e muito menos altero n'um *só iota* as proposições (*) de direito constitucional com que tanto fingiram arripiar-se alguns hypocritas, como se fossem despregadas herezias demagogicas.

Tres foram as principaes accusações que me fizeram: que eu tinha offendido os principios constitucionaes, desacatando a Authoridade Real; que faltei ás conveniencias parlamentares; e que as phrases vehementes de que usára contra o Ministro, as tinha estudado e calculado a sangue frio, trazendo-as escriptas em um papel que recitei.

A' primeira accusação responde o discurso por si, e ao pé dos logares increpados vão algumas notas explicativas que a má fé dos accusadores faz necessarias, mas que o não eram de certo, sendo tão claro o texto, tão conhecidas e asselladas as doutrinas de quem o pronunciou. Mas vivemos em tempos que basta uma hora de calúmnia para destruir o testimunho constante de muitos annos.

Na parte em que rebate os descomedimentos do Ministro, o discurso é violento, é *catilinario* se quizerem; mas não é indecente como as phrases que o provocaram e que

(*) Estas e outras partes do discurso que o precisam vão explicadas em notas.

vem transcriptas no diario da Camara (sessão do dia 12 de Julho).

No momento em que as ouvi pronunciar tive fôrça sôbre mim para não responder logo, mas emprazei a Camara e o Presidente para ouvirem o desaggravo.

O Presidente foi justo, a Camara tambem; pesou-lhes do desfôrço, mas reconheceram a provocação.

Meditei, e levei largos appontamentos, sôbre o que tinha de dizer na materia, que era difficil para mim pouco versado em questões de fazenda. Na parte em que censurei o Sr. Ministro nada preparei. Quem ler as citadas notas dos tachygraphos impressas no Diario da Camara, facilmente se convencerá de que fallo verdade.

Mais duas palavras de explicação.

Resolvi-me a fazer opposição ao actual Gabinete por elle adoptar cegamente todas as propostas absurdas de detalhe da Commissão Externa, vulgarmente chamada *Salvadora*, e desprezar o pensamento capital e verdadeiramente salvador que a mesma Commissão adoptára.

Mas procurava primeiro convencer os Ministros do seu êrro, queria fazê-lo tranquillamente na Commissão interna da Camara que ia examinar aquellas propostas.

Não o quizeram; e eu por todos os motivos devia declarar-me na opposição. Fi-lo sem rancor nem acinte. Sou amigo ha muitos annos de um dos Ministros, de nenhum recebi nunca injúria, de todos obsequio. Vi que eram levados pela torrente d'uma reacção cega e desatinada que imaginou podêr fazer d'este reino, dominio exclusivo de meia duzia de pessoas e terra de escravidão para todos os mais. Queria sustê-los; não posso. Quero contê-los, tambem pouco posso, mas parece-me que o espirito público hade ajudar.

Pèza-me pois que o descomedimento de um dos Ministros me obrigasse a ser violento: injusto não fui; sem provocação, e muito forte, nunca usei de uma palavra desabrida desde que fallo.

Devo á Camara ésta justiça, que a sua grande maioria pensa como eu, conhece e lamenta, como eu, este estado de cousas. Não censuro a irresolução que os prende, porque eu mesmo duvido da efficacia do remedio.

Talvez o combater abertamente o mal que não póde vencer-se, seja aggravá-lo. Lavo as minhas mãos, que não escolhi; obrigaram-me.

Offendeu me a proposta destruição do Conservatorio. — E' verdade. — Como não havia de offender-me a proscripção

inutil e manifestamente aciatosa de um estabelecimento que eu tinha creado com tanto zêlo e desinterêsse, cujo proveito via crescer todos os dias, e no qual acreditava, e ainda creio que estavam firmados grandes interêsses de civilisação?

Posso dizê-lo hoje com mais confiança e desaffôgo, por que ja todos sabem que d'elle me não vinha proveito algum; e se algum amor proprio entrava na questão, era daquella especie que não faz vergonha, antes honra.

Para mim foi uma fortuna esta proscripção, porque trouxe o exame da verdade, que se andava calumniando em cochichos e agora se ouve alta.

Para áquella instituição nascente, cuja despeza era uma bagatella (que ainda podia comtudo reduzir-se, como eu ha dous annos tinha proposto, e o anno passado approvára a Commissão de Instrucção Pública), e que de certo havia de restaurar o nosso theatro, — aliàs *creá-lo*, que nunca o tivemos — para essa foi golpe de morte, de que os proprios algozes, quando lhe passar a furia, se hãode pejar.

Tenho este sentimento; é o unico: paixão nenhuma tenho ja.

Quanto ás cousas públicas, nenhumas considerações pessoaes, nenhuns resentimentos me hão de affastar de meus principios; se errar na applicação hade ser por culpa de intendimento, nunca por tão baixa vontade.

Quanto a mim pessoalmente, não provoco ninguem; mas heide defender-me. Conheço a historia do meu tempo, sei-me servir d'ella; e heide fazê-lo quando e contra quem for preciso.

215

DISCURSO.

É tão pasmosa e extranha a historia d'esta discussão, por tão inaudito modo a trouxe aqui o Ministerio, por taes desvios tem sido, não conduzida, que a não conduziram os Ministros nem ninguem, mas empurrada e arrastrada á toa, que ella ficará para sempre de monumento unico e admiravel nos fastos do govêrno representativo.

Talvez, para bem entrar na materia, e assentar com mais justiça o voto de reprovação que venho dar á proposta, e o voto de censura que é necessario dar ao Ministro, eu devesse começar pela narração concisa, mas completa, d'esta maravilhosa historia. Por ventura, e de certo outro grande intêresse, o da verdade historica, pedia que n'esta occasião e ja, perante as testemunhas contestes, recentes os factos, eu deixasse consignada a sua narração authentica e fiel: porque em menos solemne logar, em qualquer outra occasião contada, de ninguem será crida, e os vindouros hão de escarnecer do historiador que lhe transmittir este fabuloso romance parlamentar.

Insta porém o tempo que é forçoso poupar, aperta a urgencia de entrar na questão; e só me reservo o direito, que n'este caso é obrigação tambem, de citar e rectificar, a par de meus argumentos e declarações, os factos mais salientes e mais pasmosos que em sua ordem chronologica quizera antes, mas não posso agora deduzir.

Neguei o meu assenso á generalidade do projecto, do mesmo modo e pelas mesmas razões o nego a este artigo: e pêza-me faze-lo, porque não é tam systematica, nem é de certo acintosa a minha opposição. Nego o meu voto pela fórma em que se pede, pela fórma em que se quer dar; estou prompto a concedê-lo em termos razoaveis e justos. A minha opposição é generosa como o motivo d'ella; é leal e nobre como são nobres e leaes as razões que a excitaram, e que assás tem denunciado os Srs. Deputados ministeriaes que me precederam, imaginando talvez lançar-me censura

e descredito, por que as reputam pequenas: e pequenas devem de ser para quem as não mede senão pela vara afferida do interesse material. Eu não sou mercador de politica, tenho outras medidas, mas não me admira que as não intendam nem recebam. Resolvi votar contra os Srs. Ministros desde que os vi adoptar em globo e sem distinção todas as propostas da Commissão Externa; algumas das quaes são tão absurdas, tão incoherentes, tão filhas d'um espirito mesquinho de retroacção e obscurantismo, que toda a opposição contra ellas é licita, todos os meios de as desacreditar, isto é, de as fazer conhecer bem, são permittidos e justos. Propostas taes que só por aberração mental podiam sahir de tão conspicua congregação de homens como são, pela maior parte, os vogaes d'aquella respeitavel Commissão. E não se espantem, não se escandalizem de eu characterizar de aberração mental a adopção de similhantes projectos: que n'esta mesma expressão presto homenagem ao alto pensamento, juizo e acêrto que presidiu ás regras geraes pela illustre Commissão estabelecidas, regras de que miseravelmente aberrou e abusou quem quer que foi acoitar á sombra de nomes tão distinctos essas mesquinhezas ridiculas de detalho, tão suspeitas de acinte e de má fé, tão cunhadas do sêllo da ignorancia das theorias e dos factos, que é um pasmo inexplicavel.

E' um pasmo ver nomes tão illustres assignando essas propostas de inepto e vergonhoso vandalismo, de mal disfarçada tendencia a uma reacção partidaria que detesta e destroi quanto é obra alheia, e que já não contente de calumniar as pessoas de quantos se não submettem cegamente ao jugo insoffrivel de sua vontade caprixosa e exclusiva, até calumniam as cousas.

Eu quero agora e para sempre estabelecer a perpetua distincção que faço entre as *propostas sinceras* da Commissão, e as *hypocritas propostas* que a mesma Commissão não teve fôrça para repelir. Faço-lhe essa justiça. Foi illudida, abraçou a nuvem por Juno; fizeram-lhe crer que incensava a opinião pública, que satisfazia as suas reclamações, consentindo n'esses *projectícos* estereis, nullos, que denunciam a pequenez do espirito que os concebeu, a alma pouco generosa que os forjou, uma intelligencia de tão acanhado alcance que se persuadiu que podia impôr á nação de economista e reformador com taes economicas e taes reformas!

Não posso nem suspeitar de cumplicidade voluntaria a illustre Commissão externa em similhantes desatinos; la-

mento que não ponderasse mais os motivos, os meios, os fins com que se davam taes alvitres, a indole de quem lh'os dava, por que estou certo que os havia de reprovar, stigmatizar, e indignar se, como eu ainda espero que ha de fazer a Camara, se lhe derem tempo para reflexão e exame, se lhe derem logar para conhecer que a annuencia cega, surda, muda e passiva que lhe exigem é moralmente inutil para quem a recebe, deshonradora para quem a dá.

Não é acintosa pois nem é esteril tão pouco a minha opposição; porque, em logar do artigo primeiro do projecto da Commissão interna que não posso approvar, em logar do pedido do Govêrno que a mesma Commissão reprovou, que o proprio Ministerio corrido de vergonha abandonou ja, offereço, como emenda, a parte co-relativa na proposta da Commissão externa, que, segundo muito bem disse o meu honrado amigo o illustre Deputado por Evora, tem todas as condicções necessarias para thema de discussão; e por mais defeitos que n'elle haja, que alguns lhe conheço eu, outros não conhecerei, póde acceitar-se para o emendar a discussão.

A Commissão de Fazenda d'esta Camara, fiel intérprete de nosso voto unanime, rejeitou a insolita e pasmosa authorisação que o Sr. Ministro da Fazenda ousou pedir-nos, propondo que lhe votassem umas bases que não definia, que se lhe desse um voto de confiança sôbre pontos que não designou, vindo a ficar a seu arbitrio absoluto, se tal votação houvera, chamar bases ou principios da lei ao que elle quizesse, apear de taes e desprezar os que lhe não conviessem.

Honra seja feita á illustre Commissão que tal fez; mas perdoe-me ella que não substituiu, como devia, o reprovado arbitrio, propondo em seu logar a emenda que eu offereço.

E qual é a unica objecção que até agora se tem apresentado contra este arbitrio? Que desculpa se dá para o não adoptar, quando se confessa ser o optimo? — O prolongamento da discussão. Santo nome de Deus! Discussões longas aqui, onde todos os dias se cortam na hora e no ponto que se quer! A desculpa realmente mostra que não é sincera a vontade. Se receiam longa discussão promovida pela supposta má fé da minoria, essa tanto póde usar-se, mais póde usar-se nos projectos imperfeitos e incompletos. Não a acredito nem a confesso, ainda assim; mas quando fosse verdade, tanto podem protellar-se os grandes projectos, como os pequenos. E se o remedio contra essa má fé supposta é

o cortarem-se as discussões no ponto em que a Camara, isto é, um aceno dos Ministros o resolve, a maioria tem sempre essa arma na mão, póde, sabe e costuma usar d'ella sem misericordia: para que ha de depô-la agora?

Uma razão mais insta comigo para persistir na emenda. Eu accusei e accuso de versatilidade, de volubilidade e inconsequencia o systema do Sr. Ministro da Fazenda. A Commissão da Camara acaba de reconhecer e de reforçar a accusação; a Camara a pronunciou. Mas não basta censurar os erros do Ministro, é necessario corrigi-los. O Sr. Ministro da Fazenda tinha reconhecido que este era o unico meio de salvar a nossa Fazenda: mudou de opinião depois, a Camara não deve consentir na mudança, a maioria tem obrigação de permanecer no pensamento Ministerial que adoptou, a que se vinculou, sob pena de incorrer em toda a responsabilidade que o Ministro lhe quer lançar aos hombros, de confirmar todas as accusações que lhe fazem de que fez voto de cega obediencia não já sómente á vontade, mas aos fluctuantes caprixos do Ministro.

Pois quê, estavam as Côrtes em plena sessão, provendo aos negocios publicos, trabalhando no importante exame do Orçamento, e de repente suspendem-se os trabalhos, addiam-se as Côrtes: para que? qual foi o motivo do addiamento? Como se justificou elle perante a opinião pública? que se disse então na presença da Nação e de todo o mundo? Que era necessario organizar um systema completo de providencias para a nossa Fazenda; que se não podia preparar em pleno Senado esse trabalho, que longe do estrepito das discussões, no remanso do gabinete e entre poucos escolhidos se ia fazer o que no tumulto d'estes *inquietos comicios* não podia effeituar-se. Addiaram-se as Côrtes, escolheram-se os Neckers, completou se o systema: a Nação persuadiu-se que ia ser salva, Portugal foi todo júbilo, gratidão e alegria! — Levanta-se o interdicto, abrem-se as Côrtes, apresenta-se o volumoso *inforciato* de providencias salvadoras. Vamos a apprová-lo, vamos a abraçar-nos com o *Novo Testamento*, com a Lei da Graça que nos vem regenerar... Nada d'isso: um bello dia de manhan o Ministerio muda de opinião, de religião financeira, abjura a lei nova, recanta as suas profissões de fé, tornámos ao antigo, voltámos ao Testamento Velho, ao *Thalmud* dos emprestimos, aos livros da *Kabalha* das operações de credito!

Que foi feito de tantos trabalhos, que se fez das luminosas descubertas da Commissão externa? Que é de aquella

fé viva que todos tinhamos, que o Ministerio tinha mais que ninguem, nas decisões do seu apostolado? Para que foi o addiamento da Camara? Que contas ha de elle dar á Nação d'estes tres mezes perdidos no meio de tanta mingoa e apertura de tempo?

O Ministerio, que aqui veio, com esse livro na mão, annunciar-nos que estava descuberta a solução do grande problema, que, entre a vozeria de tantos descontentes, de tantos infelizes que gritam de fome, levantou o seu brado de enthusiasmo e satisfação, o seu *Eureka* de triumpho, o Ministerio vem hoje declarar que volta ao antigo, que é preciso prolongar indefinidamente esse estado de incerteza, de vacuo, de insufficiencia, e de miseria em que temos laborado até agora!

Não é preciso ser iniciado nos reconditos mysterios da finança para saber que d'este estado em que se acha Portugal e a sua Fazenda, só o póde tirar a repartição do tributo directo; e que *essoutros* remediosinhos empyricos não fazem senão aggravar o mal. N'esta dilacerada tunica o que se remenda hoje não é igual ao que se ha de rasgar ámanhan. A emenda radical era reduzir as despezas ao minimo possivel, melhorar a fiscalisação, lançar esses poucos tributos indirectos que ainda podem impôr-se sem demaziado gravame para os povos; depois d'isto repartir o que falta pelos proprietarios e grandes industriaes.

Pois quê, não pagaram nossos paes duas décimas para sustentar a independencia do reino contra a invasão dos Francezes? Pois paguemos nós agora o que a cada um tocar para remir a dívida que se contrahiu na conquista da Liberdade: dívida que faz todas as nossas difficuldades e penurias; todas, porque para o corrente de nossas despezas, com economia e ordem, temos quanto basta.

Ninguem recusa fazê lo, todos estão promptos a pagar, porque todos conhecem que devem. O que ninguem quer, e com razão, é pagar uma décima que se não sabe o que é, a cujo lançamento preside a injustiça, a fraude e o mais desfaçado patronato, cuja arrecadação ou é abandonada á mais desleixada priguiça quando pelo Governo se faz, ou á mais violenta rapacidade quando a commette aos seus insaciaveis publicanos; uma décima que ha tantos annos não entra para o Erario, que toda vai para os cofres dos especuladores!

Pela repartição do tributo directo ao contrário tudo ha de entrar no Thesouro; e os povos têem a garantia de pa-

ar mais aproximadamente da justiça, *por que* cada um os contribuintes é fiscal interessado e solícito de sua recta distribuição. No lançamento da décima não ha quem reclame senão para ser aliviado, ninguem sollicita que se lance mais do que se lançou.

Ja disse que não sou financeiro, que não pretendo sêlo; mas basta pôr os olhos na historia dos povos que nos têem precedido em iguaes calamidades, que nos precederam tambem e nos deram o exemplo do remedio.

Mais difficil, mais desesperada era a situação financeira e politica da França quando adoptou este arbitrio, e salvou-se. E nós não havemos de querer salvar-nos, e nós havemos de ficar sempre n'esta miseria, sempre dependentes das Companhias Confianças, dos Bancos, dos Contractos do Tabaco, de todas quantas pessoas ou companhias tiverem meia duzia de contos de réis para especular, depois de muito rogadas e como por grande favor, em nossa lamentavel desgraça!

A isto não ha que responder; e a unica excepção dilatoria que se offerece é tão bannal e absurda, que não deve receber se. *Não temos cadastro feito e não póde fazer-se a repartição sem elle.* Se os que adoptaram, em seus apuros, a repartição do tributo directo, esperassem, para o fazer, pela confecção do cadastro, ainda hoje estariam esperando, por que ainda hoje não ha cadastro perfeito nem em França nem em parte alguma.

A operação do cadastro nunca póde fazer-se bem senão simultaneamente com a da repartição do tributo. O que póde e deve fazer-se ja é uma collecção de regras geraes, de cathegorias que sirvam para guiar as primeiras operações, tirando um termo medio, entre os derradeiros lançamentos da décima com os roes dos ultimos annos do dizimo, para obter aproximadamente, e por uma razão composta, os primeiros elementos de equidade; por que justiça, só hade vir com o tempo, com as reclamações dos interessados, com os trabalhos das juntas de Districtos, e das Municipalidades que por este systema hão de ser os verdedeiros, gratuitos, mas vigilantes zeladores dos interesses do fisco.

Reflicta a Camara tranquillamente, e sem preconceitos n'estas graves ponderações que lhe submetto. Questões d'esta importancia e em casos tão apertados é preciso tem coragem de as ver e expôr como ellas são, encará-las com valor, e não pensar que se póde illudir a opinião pública, tão illustrada já n'este ponto, com subterfugios miseraveis e ri-

ridiculos. Percam a louca esperança de illudir o povo com joguetes de creanças. Com duzentos mil réis de economia no Tribunal do Commercio, com dous aggregados da Academia de Bellas Artes que se condemnam a morrer de fome, com as crianças do Collegio Militar mandadas sumir nas aguas furtadas do Collegio de Nobres, com a mutillação dos Lyceus, com a extincção do Conservatorio d'Artes e Officios que poupa dez réis, com a proscripção do Conservatorio de Musica que produzirá trinta réis, não é que se satisfaz á opinião pública. Desceram ao reino das sombras esses piedosos Eneas, e julgaram poder calar o Cão das tres fauces com essa magra sôpa que lhe arrojaram. Assustava-os seu tremendo latido, cuidaram engana-lo com isso: enganaram se a si. Os desperdicios, os desarranjos, as injustiças da nossa administração de fazenda que reforçavam e davam corpo ao triple latido do cerbéro popular, ficaram e ficarão os mesmos com estes phantasmas de reforma.

Por cada uma de suas tres gargantas saem brados distinctos mas accordes. E' a arrecadação injusta, é a distribuição partidaria, é a applicação irregular dos tributos que irrita as fauces, que propelle os huivos assustadores do vigilante guarda.

Aqui foi o Orador interrompido pelo Sr. Presidente, que disse: « Não se póde attribuir mau fim ás intenções de ninguem. »

O *Orador continuou*: Não o attribuo á Commissão: estas cousas não podem ser d'ella: são miserias, são baixezas do espirito exclusivo e ignobil de certa gente que têem inveja, e odio de morte a tudo quanto não é d'elles — quanto elles não fazem. — E têem de luvar a sua vida a invejar e a odear, por que os desgraçados só têem a ruim prenda de destruir!

O Sr. Ministro da Fazenda a nada d'isto attende; e vacillando e variando a todo o instante de systema, exige imperiosamente dos Representantes da Nação, manda com despotica arrogancia a estes seus servos que o sigamos em todas as suas caprichosas mudanças, como quem não está aqui para mais do que para lhe obedecer.

Ja, pelos distinctos oradores que me precederam tem ido castigada esta insolencía.... não digo bem, a demencia de taes expressões, a heretica pravidade de similhantes doutrinas, o tom emphatico e pedagogico com que nos mandou estudar as nossas obrigações. Mas não basta ainda. A representação nacional foi insultada por um homem que

nem é membro d'esta Camara (*Apoiados*), que apenas é agente (*a*) de outro poder, e que, por tantas considerações, nos devia tractar de outro modo. E' obrigação de todo o Deputado obrigar o Sr. Ministro a entrar nas raias do decoro, a medir as suas expressões, a considerar diante de quem falla, e em nome de quem falla, para que se não confunda, na opinião dos povos, o nenhum respeito e consideração que similhante Ministro merece com o que todos devemos á Corôa. Respeito que tanto mais é preciso salvar e conservar quanto seus indignos agentes lh'o perdem mais, faltando ao que lhe devem, e a nós, e a si proprios.

Insisto, sim, que depois que a santidade do Parlamento foi insultada, depois que a dignidade dos que aqui se assentam com as procurações dos povos na mão, foi offendida por discursos que na bocca do mais despregado tribuno, do mais grosseiro demagogo eram mal cabidos — nenhuma voz póde levantar-se n'esta Casa sem que tome por encargo precipuo repellir as subversivas doutrinas, a offensiva linguagem do furioso que tanto ousou.

Que um homem que não seja membro d'esta Camara, que a Constituição tolera (*b*) sentado aqui, mas que é extranho a este corpo, que apenas é agente d'outro poder, e não membro d'elle, porque o poder executivo não está nos Ministros, mas em pessoa mais alta em cujo manto sacratissimo não podem cahir as nodoas d'estas indignidades, que esse homem venha á face da Representação Nacional dizer improperios aos que são membros de um poder independente, reprehende-los em linguagem de Portaria, como quem reprehende um subalterno, um dependente que faltou a suas obrigações, tolere-o embora a Camara; eu não reclamarei por minha parte o castigo d'esses desvarios. Na vaidade feminina de quem os practica, n'esse mesmo prurito morboso com que a si proprio se fatiga, se impacienta, se desespera, está todo o castigo que lhe desejo. Com essa vingança, que eu não tomo, amplamente fico satisfeito.

Que, subido ao alto da montanha pelo demonio da suberba, um pobre espirito fraco perca os sentidos, julgue que lhe falla devéras o tentador quando lhe diz *haec omnia tibi dabo*; que, possuido d'esse terrivel demonio da suberba, perdida a cabeça n'essa altura que não é para seus fracos nervos, insulte os que lhe são tão superiores (*c*), não guarde respeitos a ninguem, imagine que todos lhe devem adoração, destempere e blaspheme contra a mais leve resistencia que encontra.... esse homem deixá-lo, elle se precipitará;

lá tem dentro de si o malfazejo demonio que o castigue. Exorcisem no; é o mais que lhe podem fazer.

A vivacidade dos meus sentimentos, a religião das letras em que fui creado dá me ás vezes, já o confessei, momentos de fanatismo quando as vejo maltractadas por leigos insolentes, ou por garraios de ouca sciencia, que ainda sâo peores que os leigos, por que são mais atrevidos. Mas se é um Deus que n'esses momentos tem a mão sôbre mim, *não peço ao Senhor, que a retire,* (*d*) tomára me sempre debaixo d'ella. Quardo as minhas orações para pedir a'Deus que afugente, d'esse desgraçado corpo que está possesso, o demonio da suberba que n'elle falla e desvaria.

Está linguagem é sarcastica, não duvido qualificá-la. Mas desde a praça de Athenas até a tribuna de Londres, desde Demosthenes até Brougham foi tolerada e admittida quando as provocações a justificam.

Menos desculpavel é fallar cada um de si. Não só as regras de conveniencia geral, os proprios preceitos d'arte limitam apertadamente essa faculdade. Ainda me lembra o dictamen do mestre dos oradores, *de se parce et modeste.* Parco e modesto tenho eu sido, serei sempre de mim, mas com uma vida pública tão innocente (*e*) e devota para com o paiz que me gerou, para com a liberdade que me trouxe ao collo, com vinte annos de duro serviço na causa d'essa mesma liberdade, de trabalhos e sacrificios, de inalteravel constancia em principios, de indomavel firmeza em opiniões, custa a ouvir os homens novos n'esta causa que se deviam honrar de seguir as pizadas dos veteranos da liberdade, empoleirar-se em seu throno de cannas, e cacarejar como o vaidoso marido da gallinha, ennamorado de sua plumagem inutil, de sua propria e esteril sufficiencia.

Ha na sociedade moderna uma aristocracia nova e pessoal, que eu respeito sobre todas, e que, d'onde quer que ella venha, onde quer que ella esteja, me levanto para a saudar com respeito, para reconhecer nos que a possuem os optimos, os proceres da república. E' a dos talentos e dos serviços. Queres que te eu respeite, queres que me curve diante de ti, mostra-me o em que tens illustrado a patria com a tua espada, com a tua penna, com as tuas descobertas, com a tua industria. O nobre Duque da Terceira que não viesse da illustre e patriotica stirpe dos Sanchos Manueis, o nosso Fr. Luiz de Sousa que não viesse d'essa outra descendencia, tão nobre segundo as cousas do mundo, para mim seriam sempre os nobilissimos homens que são.

Da excellencia de homens taes são testimunhas os contemporaneos em quanto vivem, é diploma a historia depois que morrem. Mas onde ficará nos dias de hoje a vaidade presumpçosa e ridicula de quem sempre estiver a fallar na sua gloria, na sua sciencia, nas suas virtudes públicas, quando lhe perguntarem, como eu poderia perguntar agora a algum vaidoso: « A causa da monarchia e da liberdade precisou do testimunho de seus filhos; quando e aonde appareceste para lh'o dar! Careceu de martyres que assellassem com o seu sangue e os seus sacrificios a verdade que sustentavamos; onde estava o teu zelo e a tua dedicação? A tyrannia opprimia a patria, á usurpação occupava o throno: toda a alma generosa e livre, todo o que hoje póde ter direito a levantar a cabeça entre nós e a dizer *conheceí-me, sou eu*, todos resistiram; e, nos carceres, ou no patibulo, ou no exilio, ganharam o direito de ser nomeados e respeitados por nós. Que te não chegou então a nobre ambição de ganhar legitimamente esses titulos ao nosso respeito que pela intriga e pelo compadresco pretendes usurpar, e cuidaste que tinhas ganho por que te deram um papel vazio de sentido, vazio de verdade que está embargado na chancellaria da opinião pública até que tão demaziadas esperanças se convertam em alguma realidade?» Faça Deus que sim.

Este paiz precisa ha muito illustração, este povo precisa que as lettras e as sciencias se cultivem n'elle, a industria, as artes precisam esclarecidas, a sua historia precisa escripta e estudada: onde estão os volumes do novo Thiers, as prelecções d'este Guizot, as sublimes inspirações d'este Chateaubriant e Delamartine? Nas tribulações da patria não te encontrâmos, nem se quer a chorar, quanto mais a combater ao pé de nós; nas tarefas de Minerva não te conhecemos; o teu nome não se liga na republica das lettras senão a esses artigos panegyricos em que, novo Homero de periodicos, cantas a tua propria Illiada em linguagem mascavada, em que, Xenophonte de ti proprio, escreves a romanesca Ciropedia de teus altos feitos que ninguem viu.

Donde virá tanto orgulho e tão nojenta vaidade? donde virá a audacia de comparar uma vida pública *célebre só em manejos e intrigas eleitoraes*, com a dos veteranos da liberdade que ha vinte annos trabalham, luctam, padecem pela defensão d'esta causa em que só appareceste depois da victoria?

Por mim que estou carregado de peccados para com Deus, cuja mocidade tempestuosa foi cheia de leviandades e miserias de homem, mas cuja vida pública tem sido um constante, perenne e purissimo, embora tenue e fraco, sacrificio pela minha patria, pelo meu rei, pela liberdade dos meus concidadãos, pela glória do nome portuguez, pela illustração das letras, pelo augmento das sciencias, acceito a appellação que, n'esta causa de preferencias, se quiz fazer para a opinião pública, acceito o juiso da nação e dos meus pares, mas ha de ser *dos meus pares*, dos que sabem e podem avaliar o que valem serviços, o que custam estudos e trabalhos, e não d'aquelles que, como o meu accusador, nada fizeram, nada padeceram, nada trabalharam, e agora véem á sombra da arvore da Liberdade que nós plantámos, descançados ao abrigo d'este templo que nós levantámos com o trabalho de nossas mãos e o suor do nosso rosto, escarnecer de nossas faltas (que de certo commettemos, e muitas: somos homens,) e pavonear-se de sua immaculada virtude que ainda não foi experimentada, que ainda não passou por nenhuma próva, que ainda não esteve sequer em posição de ser mordida pela inveja, de ser abocanhada pela calumnia. E' preciso mais modestia, é necessario uma confiança menos pueril em quem começa agora a viver para o mundo que não conhece, e que o não conhece a elle.

Espere, aguarde; que cedo ha de perder essa illusão de bemaventurança em que está, e que tanto mais depressa lhe hão de dissipar as realidades da vida quanto mais vaidoso, quanto mais inconsiderado se appresenta diante d'ella.

E' terrivel precalço do systema representativo que os characteres se gastem depressa, que as armas da calumnia e da inveja não percam um só dos tiros que lhes assestam, que os odios particulares approveitem os erros privados (que não são justiçaveis do público) para empanar com as maculas mais perdoaveis do homem, o brilho puro e ingenuo da mais immaculada vida de cidadão.

Prepare-se o homem indiscreto, intolerante e vaidoso a quem dirijo esta admoestação, que lhe não hão de tardar nem escacear as próvas do que lhe digo; e então conhecerá, quando o affligirem as calumnias imerecidas, quando o desgostarem as insinuações malignas, quando o aborrecerem os dicterios insulsos, quando o offenderem as interpretações malevolas de seus dictos e feitos mais innocentes, então conhecerá quanta modestia, quanta diffidencia é precisa para encarar face a face com o tremendo juizo da opinião pública, tri-

bunal em que ainda se não pronunciou, desde que ha mundo, sentença recta e imparcial senão depois da morte da pessoa julgada.

Não tema de mim represalias, não sou capaz de as tomar, nunca as tomei de ninguem d'esse modo: e esta é a minha unica vaidade, a unica cousa que em mim conheço de que, por mim, tenho orgulho, que nunca me manchei n'uma calumnia, nem para retaliar aos meus mais violentos inimigos. Mas destas generosidades são raras: não ha de encontrar muitas.

Que seja permittido porém, que seja tolerado esse desafôgo immodesto em quem tanto mais o devia reprimir, quanto mais ellevada é a posição em que os acasos, *nem sempre acertados*, do jôgo da máchina do Govêrno representativo podem collocar um homem, em quanto esses excessos atacam sómente as nossas pessoas, passe. Mas que as doutrinas, que os principios do Govêrno representativo sejam insultados por um agente do Podêr, não se póde tolerar, nem deve ficar sem censura aspera, solemne, austera e sem misericordia.

Donde vem ao Ministro o direito de taxar de incoherente quem segue os mesmos principios, embora não queira as mesmas pessoas? Donde o direito de lançar sôbre a minoria a culpa de sua propria impersistencia e volubilidade interessada? Digo *interessada*, por que no unico motivo de conservar o podêr a todo o custo (não em uma prudente e meditada mudança de opinião) têem origem estas variedades de Protheu que a todo o instante muda de fórma para que o não possam segurar, para que o não obriguem a pronunciar o oraculo, que possa voltar-se contra elle e abysmar o Protheu em suas proprias aguas?

Aonde fica a doutrina da responsabilidade dos Ministros, onde fica o principio da conservação e da quéda dos gabinetes, segundo as votações parlamentares, da conservação ou da dissolução dos corpos parlamentares, segundo a adopção ou rejeição dos projectos ministeriaes, uma vez admittida esta theoria absurda, pusilanime e que revella uma fraqueza moral, um apêgo miseravel e vergonhoso ao podêr?

Este modo nunca visto de governar no systema representativo, que nos paizes mais adiantados n'esta carreira bastaria para dar tal documento de inhabilidade nos ministros, que nem a Coroa os podesse tolerar, nem o povo respeitá-los; este procedimento, digo, tem só uma vantajem um merito: é a homenagem prestada á independencia da camara, é a explicação honesta da conservação d'esta maioria que

aliás se não poderia conservar, se o ministro ousasse ter um pensamento seu, se o seu programma de furta-cores não illudisse ora uns ora outros, de modo que, especulando sôbre a honrada firmeza de principios de cada um, com ésta versatilidade não obtivesse a maioria hoje com estes, ámanhã com aquelles votos.

Vinculado um por suas profissões anteriores, prezo outro pelas honestas esperanças de conseguir a approvação de suas idéas, assim tem servido a maioria dos Deputados innocentemente ás interessadas manobras dos que caminham direitos a seu fim pelas tortuosas veredas de uma apparente condescendencia mas verdadeira tenacidade.

E' fallaz esta submissão; esta fingida condescendencia com a vontade das maiorias é um meio muito velho e usado de que sempre se serviu a tyrannia incipiente: finge-se governar em nome dos muitos, quando é a vontade de um só que governa. Ainda não houve usurpador de nenhum genero que esta tactica não seguisse em quanto não póde tirar a mascara; e infelizmente raro é o ajuntamento de homens que chegasse a conhecê-la, a precatar-se d'ella com tempo.

Eu ainda confio que não ha de succeder assim com esta Camara, que ella não ha de cahir no laço que lhe armam, e que, confundindo em seu proprio engano a quem lh'o prepara, a Camara ha de dar um testimunho público e solemne de que verdadeiramente representa a Nação e não a vontade de um Ministerio versatil que não tem, não quer, nem póde ter outra politica senão a de conservar o podèr: meio caminho andado e confessado para o despotismo.

Espero-o da Camara, espero-o hoje. Ja rejeitou a proposta do Govêrno, metade da nossa obrigação está feita: rejeitemos tambem este projecto, e especialmente este artigo que se discute, e substituamos-lhe o correspondente na proposta da Commissão externa. E tanto desejo eu fazer opposição generosa e leal que, se este systema, que já foi do Govêrno, que nasceu do lado opposto da Camara, que nem é meu, nem da opposição, o quizerem reduzir a regras geraes, claras, perspicuas e positivas, para sôbre ellas se dar voto de confiança ao Govêrno, protesto desde ja que o hei de approvar, e que, não obstante a minha desconfiança no Ministro, hei de armá-lo dessa auctoridade que assim ficará menos perigosa.

Oxalá que não houvesse n'esta questão nem centro, nem direita, nem esquerda. Digo-o como o Sr. Ministro, mas com intenção muito differente. Oxalá que todos pozes-

semos de parte as nossas opiniões particulares, que todos abandonassemos as nossas questões privadas, para as debatermos depois, e que concorressemos todos juntos agora para uma obra, que inquestionavelmente é de verdadeira salvação para o paiz, que adoptassemos uma providencia verdadeiramente regeneradora. Ja se não póde dizer que este Projecto é do Ministerio, porque o abandonou; ja se não póde dizer que é da maioria porque tambem o abandonou; não se póde dizer que é da opposição, porque o não apresentou: venha pois o desvalido, discuta-se, emende-se e rectifique-se; sejamos breves, laconicos; eu por mim protesto que não hei de protelar a discussão; dou a minha solemne palavra, e não costumo faltar a ella. A Camara ha de concorrer toda para este acto nobre e grande, e ha de assim rehabilitar se na opinião qualquer dos lados d'ella, que justa ou injustamente tenha sido censurado; a Camara, por este grande movimento patriotico, dará a toda a Nação Portugueza um testimunho do que póde o verdadeiro amor Nacional, o verdadeiro zelo pela Causa Publica: demonstraremos assim que não estamos aqui litigando por essa meia duzia de pastas, que não valem nada na presença de tamanho objecto, mas que estamos cooperando para o Bem Público. Na questão assim apresentada não podem haver bancos Ministeriaes, nem da Opposição: se os Ministros querem concorrer para este grande acto Nacional, ainda é tempo; protesto que, apesar de tudo, hei de apoiar com o meu fraco voto todas as suas propostas, que hei de votar com a Esquerda em todos os melhoramentos que offerecer; que hei de votar com a Maioria em todas as emendas uteis que proposer; que hei de dar o meu fraco appoio a todos os que concorrerem para esta grande obra; e que me hei de desmentir e desdizer, de tudo quanto injustamente possa ter dito a qualquer que assim me convencer e desmentir. Mas não sejamos aqui, instrumentos uns, testimunhas outros do acto mais indigno que se póde commetter perante uma Nação; que é, depois de a ter enganado por tanto tempo com esperanças de uma organisação diffinitiva, que satisfaça todas as necessidades públicas, que regularise toda a sua fazenda, e a tire do estado miseravel em que está, depois de tudo isto, vir aqui um bello dia de manhã, e dizer: ja não serve de nada este Projecto, esta Commissão, esta Salvação; voltemos ao antigo, porque só com elle podemos viver. A Camara, tenho confiança, não ha de dar similhante documento. Os Ministros não se podem oppor áquelle Projecto, porque a questão não

é Ministerial, é muito *Nacional* de mais para o Ministerio. Proponha-se pois, discuta-se ou na integra, ou em bases a que se reduza, e vote-se tudo; hei de vota-lo pela minha parte, e estou persuadido que grande numero de Membros d'esta Camara, d'aquelles mesmos que alguma opposição têem feito aos Srs. Ministros, hão de abandonar a opposição, e hão de votar por uma verdadeira salvação do Estado. E'sta sim, que é salvação devéras: — o mais é *Salvaterio* !

NOTAS.

(*a*) *Pag.* 14. Muito se escandalisaram os Srs. Ministros e os seus amigos com esta proposição. Mas tenham paciencia, que é dogma de fé Constitucional monarchica. Os Ministros são meros agentes do podêr executivo: o podêr está no Rei. Leia-se todo este §. do discurso de pag. 13 a 14 e ver-se-ha como me accusaram, por elle, de faltar ao respeito á Rainha!

(*b*) *Pag.* 14. Outra heresia terrivel; dizer eu que o Sr. Ministro da Fazenda, que ainda não está reeleito deputado, era *tolerado* pela Constituição na Camara, mas que era extranho ao corpo dos Deputados da Nação. — Pois é outra verdade inquestionavel. Nas Côrtes constituintes como Deputado, e já antes, em 1826 pela imprensa, eu sustentei mais que ninguem, e primeiro que ninguem em Portugal, que os Ministros deviam tomar parte nas discussões das Camaras ainda que não fossem membros d'ellas. — Mas segue-se d'ahi que o que só é agente de outro podêr, quando não é membro daquelle perante quem falla, não esteja em mais delicada posição, não deva medir-se mais, ter mais recato? — E' o que disse, e o que sustento.

(*c*) *Pag.* 14. Fallei impessoalmente, n'este logar dos que possuidos do demonio da vaidade e da suberba insultavam os que lhe eram *superiores*. — Nem se quer para calumniadores servem, tão ridiculos e miseraveis são, os que d'aqui querem tirar que eu fizesse os Ministros da Coroa inferiores ou subalternos dos Deputados. — Serviu talvez a calúmnia para onde e para quem a fabricaram: mas agora que *ja serviu*, estou certo que seus proprios auctores se riem d'ella.

(*d*) *Pag.* 15. Esta phrase, que vai sublinhada, foi do Sr. Ministro da Fazenda contra mim; creio que é feliz e galante porque lhe acharam muita graça; por isso a adoptei.

(*e*) *Pag.* 15s Sou o derradeiro, sou o mais infimo dos defensores da Causa da Liberdade: repetidas vezes o tenho confessado, e com sinceridade: mas desde que se levantou o seu estandarte em Portugal, tenho-o seguido sempre. E,

nonfesso tambem, não me posso esquecer d'este serviço tão longo e tão duro, quando vejo pavonear diante de mim os que o não têem. — É' o meu fraco; desculpem-m'o. — Sou pessimo soldado, fraco soldado; tudo o que quizerem; mas estou ha vinte annos ao pé das bandeiras, já me custa a ouvir galrar as recrutas novas, quanto mais os *appresentados*.... creio que o termo mais decente — *appresentados*! Sujeito-o á censura do Sr. Ministro da Fazenda.